

Organization and bureaucracy: an analysis of modern theories

Por Nicos Mouzelis. Chicago, Ill., Aldine Publishing Comp., 1967.

Como o próprio Mouzelis afirma, essa obra é uma tentativa de estabelecer uma possível convergência para o estudo das teorias das organizações.

O autor propõe que olhemos o desenvolvimento global das tradições burocráticas e gerencial e identifiquemos, esquematicamente duas linhas com pontos iniciais diametralmente opostos: sociedade e indivíduo; essas linhas, embora não-coincidentes, tendem a uma convergência em algum ponto médio dentro do "intervalo organizacional".

As linhas ou abordagens distintas estão englobadas sob os nomes de burocrática e gerencial, e uma das tentativas de síntese é a teoria organizacional ou teoria das decisões.

Sob abordagem burocrática, Mouzelis apresenta-nos basicamente três autores: Marx, Weber, Michels.

Como se pode perceber desde logo, a abordagem macro — nome que o autor convencionou para a linha burocrática — preocupa-se com o impacto da organização e, em particular, de um tipo específico de organização — a burocrática — nas sociedades contemporâneas.

Apesar de não trazer nenhum conhecimento adicional ao que foi produzido por Marx, Weber e os "teóricos do elitismo", Mouzelis consegue o que poderia entender-se como o primeiro tratamento sistemático dessas diferentes correntes dentro de uma área de conhecimento bem delimitada, qual seja, aquela que se convencionou chamar teoria das organizações.

Desta maneira, a preponderância da preocupação com liberdade, autoridade e racionalidade fez com que os escritores clássicos contribuíssem para o estudo das organizações através da ênfase no impacto da burocratização na estrutura de poder da sociedade e, para esse tipo de estudo, adotam uma abordagem sociopolítica e um método histórico.

A abordagem gerencial encontra-se dividida em duas escolas básicas: o taylorismo e o universalismo.

O modelo taylorista, como lembra Mouzelis, é o modelo da máquina; a concentração básica dessa escola está nos aspectos instrumentais do comportamento humano; de fato, o indivíduo deveria ser visto como um instrumento de produção e, portanto, ser encarado como qualquer outra ferramenta, desde que se adotasse, para o estudo do seu comportamento, os princípios de administração científica.

O modelo universalista traduz, dentro da abordagem gerencial, a preocupação com os aspectos formais da organização, ou seja, a estrutura organizacional e as normas prescritas de autoridade, responsabilidade e relacionamento entre "papéis".

No que concerne aos aspectos processualistas, esse modelo também não saiu de uma visão formal. Não se preocupou com o comportamento humano e razões desse comportamento, porém deu maior ênfase às metas formais e funções organizacionais e daí procura inferir tipos de comportamentos necessários.

A partir daí, Mouzelis sugere que as principais tentativas do estabelecimento de uma ponte são duas, a saber:

— a escola de relações humanas (embora ainda dentro da abordagem gerencial);

— a teoria da decisão.

Dentro da escola de relações humanas, Mouzelis encontra três subescolas ou tendências básicas:

— Elton Mayo e a escola ortodoxa;

— Warner e a escola de Chicago;

— a escola interacionista.

Pela sugestão de tendências variadas dentro do que se convencionou por escola de relações humanas, o autor procura traduzir sua proposta de que a escola ou movimento como um todo não se esgotou; muito pelo contrário, deveria ser melhor explorado, porquanto possui um potencial não aproveitado. Em suma, poder-se-ia dizer que os técnicos da abordagem de relações humanas — devido a seus valores e metodologia aplicada — não procuraram dar resposta definitiva aos problemas que examinaram, o que não diminui a importância de suas contribuições ao estudo da firma e das organizações em geral; deve-se mesmo observar que o movimento como um todo revolucionou, de certa maneira, a teoria clássica de administração, pois provocou a ruptura da tendência formalista e trouxe para o contexto de estudo toda a área problemática do comportamento humano.

Finalmente, Mouzelis apresenta a teoria das organizações conforme proposta por Herbert Simon, como uma tentativa de síntese entre o macro e o micro no âmbito organizacional e com vistas à tomada de decisão.

A respeito de Simon e de sua teoria da decisão, Mouzelis tem a dizer:

O bias psicológico dos estudos simonianos é uma das razões principais do insucesso na tentativa de reunião das diversas tendências dentro de um todo coerente. Simon, supostamente, propôs-se a produzir uma obra que deixasse como herança intelectual um quadro de referência teórico básico, para a integração dos insights e postulados do tayloris-

mo, as teorias clássicas, de relações humanas e teorias-macro da burocracia. Essa tentativa simoniana desenvolveu-se através da reformulação de algumas hipóteses básicas de teorias precedentes de maneira a poder testá-las e eventualmente operacionalizá-las, e posteriormente, adequá-las a um sistema de referência de tomada de decisões. Toda a obra de Simon é uma coleção de proposições testadas ou testáveis, as quais tratam fundamentalmente de comportamento organizacional. Tais proposições e seus testes constituem os fundamentos de uma ciência organizacional positivista, solidamente estabelecida através de evidência empírica. O propósito integrador, no entanto, dificilmente pode ser sustentado, pelo menos com relação às abordagens anteriores, principalmente as teorias da burocracia, pois estas foram estabelecidas dentro de uma visão sociológica mais ampla. Pode-se até mesmo afirmar que a reformulação das hipóteses, transformando-as em proposições operacionais, e a redução delas de modo a adequá-las a uma estrutura de tomada de decisão, com certeza, não contribui para o aprofundamento do conhecimento e para a avaliação global dos

pressupostos implícitos nas macroteorias (burocráticas).

Esquemáticamente a obra de Mouzelis pode ser representada como no quadro abaixo.

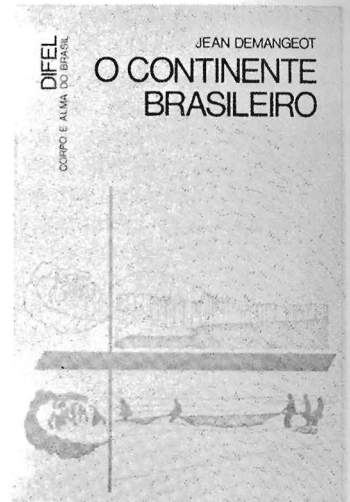
Mouzelis conclui por ressaltar a contribuição de Parsons e por chamar a atenção para a escassez de estudos organizacionais que se concentrem em poder e conflito.

No conjunto, apesar das imperfeições e do quadro um tanto quanto visionário e utópico de possíveis convergências, a obra reflete a primeira tentativa de se pensar comparativamente ou, como queiram, refletir sobre o que já foi produzido no campo dos estudos organizacionais. Pelo esforço em sair do ortodoxo, pela nobreza de concluir pelo inacabado, pela humildade de não querer produzir mais teoria do que o momento histórico permite e pelo relativo desgarramento do pressuposto organicista, a obra merece uma atenção mais cuidadosa, pois representa acima de tudo uma reflexão necessária a todos aqueles que se interessam pelas organizações como palco da ação dos diversos grupos sociais — em algum momento de sua vida, ou talvez mesmo, a todo momento. □

Roberto Venosa

O continente brasileiro

Por Jean Demangeot. São Paulo, Difusão Européia do Livro, 1974. 191 p., il.



Cabe a Vidal De La Blache (1845-1918) o mérito de ter criado a escola geográfica francesa. São seus discípulos Emmanuel de Martonne, Jean Brunhes, Albert Demangeon e muitos outros. Os seus contemporâneos — e os atuais — marcaram a geografia como a ciência da “descrição e explicação das paisagens humanizadas”, ou “da distribuição e da coordenação dos fatos da ocupação humana”.

É essa inter-relação entre homem e natureza que acentua o interesse das obras dos geógrafos franceses sobre o Brasil, pois, além do clima, solo, etc., são tratados os problemas da história, ocupação territorial, economia, etc. Sob essa ótica é que os autores gauleses têm escrito sobre nós desde os fins do século XIX: um dos primeiros é Elisée Reclus, que redige uma **Geografia universal**, em vários volumes, dos quais um sobre as Guianas e o Brasil (publicado na década de 1880). A partir do começo do século surgem outros nomes de vulto: Pierre Denis, o mais importante, publicou em 1907 **O Brasil no século XX**; outra obra de sua autoria é o tomo 15, 1.ª parte, da **Geographie universelle**, que ele elaborou sob a direção de P. Vidal De La Blache e L.

96

